

Quando se fala uma língua que não se fala com a língua

Cuando se habla una lengua que no se habla con la lengua

Maria Helena Favaro¹

Resumo

Analisamos, neste texto, um vídeo produzido para/no Youtube, no qual um ator, educador e influenciador digital surdo apresenta questões relacionadas à cultura surda baseadas em pré-construídos da sociedade ouvinte que dão conta de suas concepções acerca da fala e/ou da voz do surdo. Sob os pressupostos da Análise do Discurso francesa, a partir de comentários desse vídeo, a questão do corpo emerge quando observamos que a compreensão sobre esse sujeito se dá sob o prisma dessa voz, ora expressão de uma voz-corpo-defeituoso, ora de uma voz-corpo-superção. Tendo como aporte teórico a distinção entre voz e fala (MALISKA, 2015; 2017), e também a partir de trabalhos que visam desconstruir a equivocada noção de que todo surdo é, também, mudo, apresentamos algumas consequências práticas desses pré-construídos sobre o corpo-voz surdo à existência material desse sujeito, uma vez que tais comentários dão conta de uma visão predominantemente estereotipada, desinformada, constituída a partir de um interdiscurso que amalgama, principalmente, concepções estritamente oralistas e cartesianas que podem se materializar como obstáculos importantes à atuação do surdo nos diversos espaços sociais nos quais ele circula.

Palavras-chave: Surdo; voz; fala.

Resumen

Analizamos, en este texto, un video producido para/en Youtube, en el que un educador y actor influencer digital sordo presenta temas relacionados con la cultura sorda a partir de preconstruidos de una sociedad oyente que da cuenta de sus concepciones sobre el habla y/o de la voz sorda. Bajo los supuestos del análisis del discurso francés, partiendo de comentarios de este video, surge la cuestión del cuerpo cuando observamos que la comprensión de este tema se da bajo el prisma de una voz, a veces como expresión de una voz-cuerpo-defectuoso, otras como una voz-cuerpo-superación. Teniendo como aporte teórico la distinción entre voz y habla (MALISKA, 2015; 2017), y también de trabajos que pretenden desconstruir la noción errónea de que todo sordo también es mudo, presentamos algunas consecuencias prácticas de estas nociones preconstruidas sobre el cuerpo-voz sordo a la existencia material de ese sujeto, ya que tales comentarios dan cuenta de una mirada predominantemente estereotipada, desinformada, constituída a partir de un interdiscurso que amalgama, principalmente, concepciones estrictamente oralistas y cartesianas que pueden materializarse como importantes obstáculos a la actuación del sordo en los distintos espacios sociales en los que circula.

Palabras clave: Sordo; voz, habla.

1. Introdução

Neste texto, pretendemos problematizar o ser surdo enquanto um emaranhado complexo de sentidos equívocos que se constroem e que deslizam na experiência cotidiana e complexa

¹ Doutoranda em Análise do Discurso; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul; Palhoça, Santa Catarina, Brasil. teachermari.ifsc@gmail.com

desses sujeitos na sociedade ouvintista em que vivem, tendo como objeto de análise comentários feitos a partir do vídeo “Os surdos têm voz”, disponível na plataforma Youtube. Nessa equivocidade, colocamos aqui, em especial evidência, as compreensões acerca da voz (biológica) e da fala do surdo. A incapacidade ou habilidade insuficiente do surdo em modular sua voz e falar claramente (conforme padrões ouvintistas), desde muito tempo, fez com que a errônea associação da surdez à mudez se tornasse senso comum, e termos como ‘surdo-mudo’ são utilizados para se referir ao surdo, ignorando não só a inadequação como também o caráter ofensivo dessa designação.

Via de regra e salvo exceções, o surdo não é mudo. Ele pode emitir diversos sons (gritos, risos, gargalhadas), além de oralizar, quando treinado para isso, uma vez que suas cordas vocais não são afetadas por seu problema auditivo. Além disso, o surdo também fala visualmente, com o corpo e com as mãos, se utilizando de uma “língua que não se fala com a língua” (KESSLER, 2008, p.38). No caso do surdo brasileiro, essa língua é a Língua Brasileira de Sinais, a Libras.

A Libras foi reconhecida como língua oficial do surdo, no Brasil, em 2002, e regulamentada, via decreto oficial, em 2005. Esse fato é considerado uma grande vitória da comunidade surda no Brasil, e o percurso até esse acontecimento histórico – e também depois dele - constituiu-se de uma luta pelo controle dos sentidos acerca do que significa, para o surdo, usar ou não língua de sinais.

2. Surdos têm voz

Aparentemente, os espaços enunciativos informatizados, como YouTube, Facebook, Instagram etc., têm se constituído como espaços importantes para que os sentidos aos quais nos referimos acima emergam, a partir de vídeos produzidos por sujeitos surdos. A esse respeito, Saunders (2016) afirma que, embora sofram ainda uma gama de preconceitos e tenham suas posições geralmente desrespeitadas nas mídias sociais, especialmente pela falta de voz (biológica) impositiva e também por, comumente, falta de domínio da língua escrita, os surdos têm, sim, encontrado nessas mesmas mídias, oportunidades inéditas de se colocarem enquanto sujeitos nesse espaço. Segundo esse autor,

[...] as mídias sociais têm se provado uma plataforma de mudança social e de aumento da conscientização acerca da diversidade e de questões relacionadas à diversidade. A capacidade do indivíduo para a exposição a oportunidades de envolvimento cívico e informações de diversos lados de cada questão de interesse para o indivíduo aumentou exponencialmente, especialmente com a crescente popularidade das plataformas de mídia social, tais como Facebook e Twitter. (SAUNDERS, 2016, p. 06, tradução nossa).

Um dos aspectos a se observar na relação dos surdos com as mídias sociais relaciona-se ao fato de que elas oferecem a importante possibilidade de contar com ferramentas de produção de vídeo, ou seja, disponibilizam aos surdos um recurso que possibilita contato visual por parte daqueles que o assistem. E por que isso é tão fundamental? Ora, “[...] a voz do surdo, abafada na boca, [...] se irrompe no corpo, no olhar e, principalmente, nas mãos daqueles que não ouvem.” (MASCIA; JUNIOR, 2014, p.26). Portanto, possibilitar essa presença do corpo, do olhar, e das mãos do surdo é o que faz do ambiente virtual um local privilegiado de expressão, uma vez que “o ouvinte fala uma língua oral. O surdo fala uma língua espaçovisual. Língua é corpo”. (MASCIA; JUNIOR, 2014, p.30). É claro que muitos surdos usam recursos como legendagem e dublagem de seus vídeos, para atender o princípio de circulação, mas importa

muito o fato de que eles têm a possibilidade de, com ou sem auxílio desses recursos, usar sua primeira língua, a língua de sinais, manifesta através das mãos e do corpo. E no Youtube, o corpo pode se fazer presente. O corpo pode falar.

No entanto, é preciso destacar também que, além da língua falada pelo/no corpo, o surdo tem voz. E usa também essa voz para falar. Nossa proposta, neste texto, é introduzir, ainda que brevemente, questões relacionadas à voz e à fala do surdo e como ela (não) é compreendida sob o prisma ouvintista. Antes, porém, faz-se necessário compreender a que nos referimos quando tratamos de fala, nesse trabalho. Para tanto, ouçamos Guesser:

[...] tradicionalmente, a visão de língua tem sido fortemente pautada por uma perspectiva essencialmente oral-auditiva. A sociedade, de modo ampliado, concebe fala com o sentido de produção vocal-sonora. A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais. É necessário, entretanto, expandir o conceito que temos de línguas humanas, e também redefinir conceitos ultrapassados para enxergar outra dimensão na qual conceber a língua – o canal viso-gestual. (GUESSER, 2009, p. 55)

Concebemos, então, duas manifestações de fala: a fala que se utiliza das mãos e do corpo, chamada língua de sinais, utilizada majoritariamente por surdos, mas também por ouvintes em interações com surdos, e a fala vocal-sonora, usada majoritariamente por ouvintes, mas também por surdos em interações com ouvintes. No vídeo apresentado, vemos um surdo que se utiliza dessas duas formas de fala: além de fazer uso da fala sinalizada, ele se utiliza da fala vocal. E o fato de ele falar vocalmente gerou, dentre alguns que assistiram ao vídeo e comentaram, reações, por vezes, elogiosas, tais como: “Esse é o único surdo que vi que fala até bem” “Fala muito bem, parabéns” “Eu gostei da sua voz” “Vídeo legal! Primeira vez que ouço um surdo falando claramente”; e, por vezes, também, reações de dúvida, ou mesmo de incômodo, tais como “Alguém consegue me explicar por que, mesmo tendo voz, a dicção não é perfeita?”. As figuras abaixo ilustram alguns desses comentários:

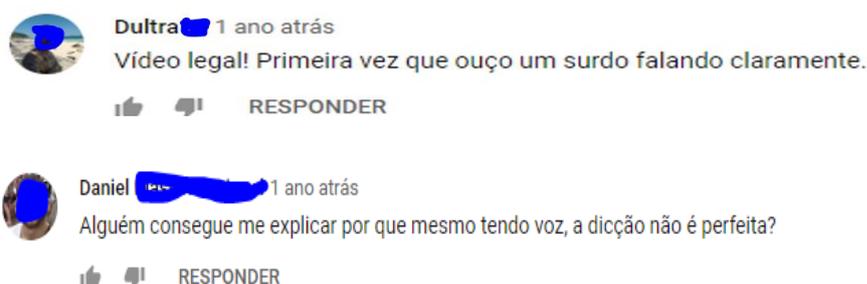


Figura 1 – Comentários sobre o vídeo “Os surdos têm voz”, no YouTube.
Fonte: Canal: DrauzioVarella no Youtube

Faço aqui um parênteses para demarcar que reconhecemos, a partir de Guesser, as duas modalidades de fala – vocal-sonora e viso-gestual -, mas que, nesse trabalho especificamente, ao relacionar as reações, via comentários, à fala do youtuber, no vídeo, estamos tratando da fala vocal-sonora, visto que nos chama atenção o fato de que um vídeo cujo objetivo é informar aos que o assistem a respeito dos muitos equívocos e das dificuldades na interação entre surdos e ouvintes tenha sido reduzido, por muitos dentre os que deixaram suas impressões na sessão de comentários, à descoberta de que o surdo tem voz e fala.

Antes, porém, de abordarmos essa questão da voz (vocal-sonora, biológica) do surdo, faz-se necessário compreender a diferença entre voz e fala. Maliska (2017) define voz como

“um elemento
um real, pois ela
corpo”. O autor



Vitor 1 ano atrás

Tanta gente ruim e saudável, e pessoas boas com deficiências, que mundo injusto.

RESPONDER

e não à fala, a voz como esse elemento que deve ser silenciado para que a fala possa advir (...) voz é o que pode também atrapalhar a fala” (MALISKA, 2017, p.213-214). A voz, portanto, enquanto real do corpo, é natural do indivíduo, já a fala, por sua vez, é social, e seu desenvolvimento nos ouvintes se dá a partir, principalmente, da compreensão auditiva.

O surdo é um sujeito dotado de voz e que, em alguns casos, aprende a falar a partir de exercícios fonéticos, sem contar, no entanto, com o recurso auditivo:

O real da língua oral do surdo é a falta de fluência e de tom de voz ‘adequado’, ou ainda de entonação para perguntas, exclamações etc., pois essas nuances da língua são adquiridas a partir da audição, na imersão cotidiana ouvindo ouvintes, e interagindo com eles. (MASCIA; JUNIOR, 2014, p. 313).

Maliska (2017) diz ainda que estamos acostumados a ouvir a fala e a apagar a voz, mas que essa voz se faz presente nas situações em que a fala falha, como na gagueira, no engasgo, na afasia, nos momentos em que a voz atrapalha a fala. Por não contar com o recurso auditivo ao longo da vida ou em parte da vida para modalizar e adequar sua fala, a voz do surdo não é escondida pela fala. Ao contrário, a voz do surdo, mais frequentemente do que não, interfere e atrapalha sua fala.

Ao tratar da questão da falta de atores surdos para representar personagens surdos em filmes e programas de TV, nos Estados Unidos, ou ainda a presença unicamente de surdos cujas características da fala oral se aproximem muito das dos ouvintes, Saunders salienta:

Aqueles que nunca ouviram uma pessoa surda falar antes, fora do ambiente da televisão e filmes, onde um punhado de atores surdos com uma fala clara e inteligível são apresentados como representantes de uma comunidade inteira, geralmente encontram, imediatamente, motivo para questionar a igualdade de uma pessoa cuja voz não é igual a delas próprias. (SAUNDERS, 2016, p. 02, tradução nossa).

O autor denuncia, portanto, a exclusão do sujeito surdo quando este não detém as características que o assemelhariam aos ouvintes, ou seja, não são dadas oportunidades nos espaços culturais aos surdos que não ‘fala[m] claramente’. Como se pode observar em alguns comentários do vídeo, a fala inteligível do sujeito surdo em questão chama a atenção e merece elogios - “Fala muito bem, parabéns” “Eu gostei da sua voz”. Esses comentários tornam possível perceber que o que esses internautas elogiam é, na verdade, o fato de que o sujeito surdo que enuncia no vídeo consegue falar de maneira semelhante a uma fala considerada padrão, ou seja, à fala de um ouvinte, em sua modalidade vocal-sonora. Em consonância com a discussão de Saunders (2016) sobre os atores surdos, pode-se dizer que quanto mais o surdo consegue invisibilizar sua voz para que apareça sua fala, melhor ele será acolhido na comunidade ouvinte, e o oposto também é verdadeiro: quanto mais a fala do surdo se parecer com uma fala de surdo, menos espaço ele terá entre os ouvintes.

O que o autor pontua, portanto, e o que os comentários dos vídeos parecem corroborar, é o desfavorecimento sofrido pelo surdo com características de surdo, pois nele se sobressai a falha, a falta, a deficiência, como mostram os comentários a seguir:

Figura 2 – Comentários sobre
YouTube.
Fonte: YouTube –



ONIX 1 ano atrás

Mais da agonia



RESPONDER

o vídeo “Os surdos têm voz”, no

Canal: DrauzioVarella

Aos olhos dessa pessoa, o sujeito surdo sinalizante é sujeito ‘com deficiência’, um sujeito ‘injustiçado’. É interessante notar, no entanto, que isso se dá à revelia do fato de que, no vídeo em questão, o sujeito surdo, além de sinalizar, também oraliza o tempo todo e, em determinado momento, ele lista uma série de atividades que realiza ou já realizou, inclusive atividades que envolvem música, no claro intuito de mostrar que a falta de audição não é impedimento para uma vida dinâmica, complexa, cultural e intelectualmente rica.

3. Considerações (in)conclusivas

Essa compreensão do surdo como deficiente é a forma como uma articulação ideológica historicamente construída se significa no interdiscurso acionado na formação discursiva na qual esse sujeito se inscreve. Traz à tona a visão positivista e idealista do sujeito em falta de algo que o tornaria completo. Essa visão se pauta em um “ideal de saúde” (MARTINS, 2004) que, na busca quase delirante pela perfeição, reforça uma cultura de ‘medicalização da vida’, aclamada e propagada pela mídia e pela indústria médica.

É por isso que, por mais que se aproxime, o sujeito surdo, na grande maioria das vezes, não está no mesmo padrão de fala oral de um sujeito ouvinte natural, e sua fala ‘dá agonia’ a quem ouve. O estranho ‘dá agonia’. Alguém que fala a minha língua, mas não fala do mesmo jeito que eu falo, ‘dá agonia’. A falta de ‘dicção perfeita’, ‘dá agonia’.

Por isso, acompanhar e ser educado também por esses *youtubers* surdos deve ser entendido como uma maneira de ampliar nossa compreensão histórica, cultural e linguística sobre as formas de viver e ser surdo no mundo, em toda sua opacidade e complexidade, rechaçando, assim, o discurso da falta que se imbrica em discursos outros cujas fundações vão muito além da falta de audição. Nesse sentido, interessa evidenciar que os surdos possuem, sim, voz biológica, tal qual o ouvinte, e que alguns surdos podem falar vocalmente, e que o estranhamento e a ‘agonia’ causados por essa voz é apenas reflexo do apagamento sofrido pelo surdo nas diversas esferas da nossa sociedade. Historicamente, nos discursos pedagógicos, científicos, jurídicos e religiosos, muito se falou sobre o surdo. É urgente que o surdo fale sobre si mesmo, e que, para isso, use sua voz, suas mãos e seu corpo e que, principalmente, seja ouvido *pelo que diz mais que pela forma como diz*.

Referências

KESSLER, T. M. *A surdez que se faz ouvir: sujeito, língua e sentido*. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2008.

MALISKA, M. *A voz: um corpo que não engana*. In: FLORES, G. G. B. et. al. *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Vol.3 Campinas, SP: Pontes Editores. 2017.

MASCIA, M. A. A.; JUNIOR, A. N. S. A construção da identidade do sujeito surdo nas entre-línguas: orais e espaçovisuais. In: UYENO, E. Y.; CAVALLARI, J. S.; MASCIA, M. A. A. (Org). *Mal-estar na inclusão: como (não)se faz*. 1.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

OS surdos têm voz. Produção de Dráuzio Varela. 2017, 3'19''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=Bcq6GPyMfPo> Acesso dia 15/05/2019.

SAUNDERS, K. C. *A double-edged sword: social media as a tool of online disinhibition regarding American Sign Language and Deaf cultural experience marginalization, and as a tool of cultural and linguistic exposure*. SAGE Journals (Chicago, EUA). Jan.- mar. 2016. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2056305115624529>. Acesso dia 02/04/2019.